This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C355
re

A 863,177

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

O
Rei Galaor

EX-LIBRIS

O Rei Galaor

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

POESIA

OARISTOS (1890). *Esg.* . . . . . I vol.
HORAS (1891). *Esg.* . . . . . I vol.
SYLVA (1894) . . . . . I vol.
INTERLUNIO (1894) . . . . . I vol.
TIRESIAS (1895) *Esg.* . . . . . I folh.
SAGRAMOR (1895) . . . . . I vol.
SALOMÉ E OUTROS POEMAS (1896) . . . . . I vol.
A NÉREIDE DE HARLEM (1896) . . . . . I folh.

No prelo:

DEPOIS DA CEIFA . . . . . I vol.
SAUDADES DO CEO . . . . . I vol.
IGNEZ DE CASTRO . . . . . I vol.

PROSA

BELKISS (1894) . . . . . I vol.

TRADUCÇÕES

BELKISS, traduzione italiana di Vittorio Pica (Milano, 1896) . I vol.

No prelo:

BELKISS, traduction française par Philéas Lebesque . . . I vol.
BELKISS, traduccion española por D. Luis Berisso . . . . I vol.

EUGENIO DE CASTRO

O Rei Galaor

Poema dramatico

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO — EDITOR
1897

869.8
C355re

63-183003

D'esta edição fez-se uma tiragem especial de dez exemplares numerados:

N.º 1, em papel do Japão
» 2, em papel da Hollanda
» 3 a 10 em papel de linho, portuguez.

A

LOUIS PILATE DE BRINN'GAUBAST,

EX CORDE,

E. DE C.

Si le nez de Cléopâtre eût été plus court, toute la face de la terre aurait changé.

PASCAL.

DRAMATIS PERSONÆ

O REI GALAOR.

A RAINHA GUDULA, esposa de Galaor.

A PRINCEZA SIBYLLA, filha de Galaor e de Gudula.

UM DESCONHECIDO.

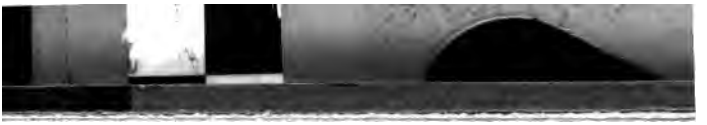
NOTAS SOBRE OS PERSONAGENS

GALAOR — Tendo sessenta annos apenas, parece ter mais de cem. Cabelleira e barbas de neve. Tunica e manto de velludo preto; á cinta, um punhal e uma espada; coroa de brilhantes.

GUDULA — Quarenta annos. Belleza murcha, cabellos grisalhos. Tunica e manto de velludo côr de lilaz; coroa de esmeraldas.

SIBYLLA — Dezeseis annos. Alta e delgada, olhos azues, cabellos loiros. Tunica de velludo branco; coroa de perolas.

O DESCONHECIDO—Vinte annos. Branco e loiro, olhos azues. Todo vestido de malha de seda preta; amplo gibão de lhama d'oiro.



SCENA I

SCENA I

Grande e taciturno salão revestido de velhas tapeçarias. Ao fundo, uma janella sobre o mar. A' esquerda uma porta. Crepusculo.

Pensativo e lugubre, de olhos cerrados, Galaor está sentado ao pé da janella, n'uma cadeira de espaldas.

Gudula entra, melancholicamente, com os olhos marejados de lagrymas.

GALAOR, estremecendo ao ouvir passos :

Quem é ?

Reconhecendo Gudula :

Ah ! sim... és tu... Deixaste-a bem fechada ?

GUDULA, entregando-lhe duas grandes chaves de prata :

Fechada, pobre flor ! como os ladrões e as feras...

GALAOR

Vamos, Gudula, então!... quero-te resignada...
Sempre, sempre a chorar, meu peito dilaceras...
Quando é que emfim verei enxutos teus olhares,
Quando, quando será?

GUDULA

No dia em que a soltares...

GALAOR

N'esse caso, ao beijar-me a Morte negra e fria,
Não saberei dizer, no tremor da agonia,
Se me choras a mim ou se choras por ella...

GUDULA

Galaor! Galaor! Se procuras fazel-a
Ditosa, porque a tens n'uma torre captiva?
— Minha filha, ai de mim! 'stá enterrada viva!

GALAOR

Não! eu nunca pensei em fazel-a ditosa,
Como nunca pensei, doce alma lacrymosa,
Em dar ás nuvens vista, e ás penedias fala;
Tendo-a presa na torre, o que eu quero é livral-a
De tudo o que lhe pode acontecer...

GUDULA

Meu Deus !

GALAOR

Acaso julgas tu que elle te ouve nos ceos ?
Illusão infantil !
Põe os olhos no mar :
As ondas, que além vês, não cessam de chorar,
De supplicar misericordia em altos brados,
Não se calam, mas nós, a ouvil-as costumados,
Só as ouvimos quando a ouvil-as nos dispomos.
De que nos servem pois os tragicos assomos
De lucto e de afflicção ? Nossos fundos gemidos
Não impressionam mais, por muito repetidos,
O omnipotente Deus, indifferente algoz,
Para quem somos como as ondas são para nós !

GUDULA

Não ! não se esquece Deus das torturadas almas
E com delicias mil, com viridentes palmas,
Premiará na morte as angustias da vida !

GALAOR

Suppões então que Deus, pobre Mãe dolorida,
Justiça nos fará quando a Morte vier ?

Pode ser... pode ser... mas tambem pode ser
Que elle nos veja como o mar estamos vendo,
E que olvide os que vão ao tumulo descendo
Como eu me esqueço, ao fim do dia claro e brando,
Das ondas que, a chorar, além se vão quebrando!

GUDULA

Blasphemas!

GALAOR

Se blasphemo, é só Deus o culpado,
Elle que me fez ver no mar convulsionado
O symbolo da vida, um symbolo medonho,
Que acordado me gela, e me apunhala em sonho!
Se a vida queres ver, põe no mar os teus olhos...

Levantando-se e approximando-se da janella:

Abre os teus olhos, vê:
Além, galgando escolhos,
Na confusão d'um grande choque de gigantes,
As vagas a correr atropellam-se uivantes;
Gemem, cheias de dor, sibilam, revoltadas,
Trocam beijos e flor's, brandem finas espadas;
N'este instante servis, e logo em gestos nobres,

Arqueiam-se quaes reis, e humilham-se quaes pobres ;
Estas vestidas d'odio e aquellas de desejos,
Umas cravam punhaes, outras derramam beijos ;
Não param, correm sempre em filas luminosas,
Ameaçam varonis, supplicam lastimosas ;
Despenham-se no abysmo, erguem-se ás nuvens bellas,
Gemem, riem, dão ais, e afinal todas ellas,
A blasphemar, a rir e a chorar, uma a uma,
Vão desfazer-se além, na praia d'oiro, em espuma !
Cada alma é uma onda : ergue-se altivamente,
Quer topetar o ceo e no ceo resplendente,
Vaidosa conquistar um resplendente asylo...
Depois, ferida, ao ver que não pode attingil-o,
Cae e morre a chorar em dolorido canto :
Cada alma é uma onda, e a vida é um mar de pranto !

Galaor senta-se na cadeira e Gudula no chão, sobre uma almofada. Silencio.

GUDULA

Crueldade sem par, inaudito martyrio,
Tel-a fechada assim como um candido lyrio
N'uma adega sem luz ! fechada, pobre estrella,
Co'essas chaves, Senhor ! que pesam mais do que ella !

GALAOR

Havia de suppor-me um leão quem te escutasse !
Ah ! não fosse a ventura um sonho bem fugace,
Traiçoeira luz que só um curto instante brilha,
Pudesse eu ver ditosa a nossa pobre filha,
— Cortaria os meus pés p'ra lhe dar umas azas,
E p'ra a c'roar de flor's, coroára-me de brazas !
Amo-a ! quero-a livrar da angustia que me pésa,
Amo-a muito e por isso é que a conservo presa !

Mysteriosamente :

A Desgraça, de noite, este palacio corre...

GUDULA, abraçando os joelhos de Galaor :

Galaor ! Galaor ! Deixa-a sair da torre !

GALAOR

Nunca ! Nunca ! A Desgraça está dormindo agora,
Mas seu somno é fugaz, bem pouco se demora,
E se eu abrisse a negra porta da prisão,
Jubiloso, feliz, teu nobre coração
Havia de pulsar com tamanha alegria
Que a Desgraça, ai de nós ! logo despertaria !

GUDULA

Se assim é, se desperta aos mais leves ruidos,
Porque é que não desperta ao som dos meus gemidos,
Profundos como o mar, onde são vans as sondas?
Galaor, porque é?

GALAOR

O marulho das ondas
Embala docemente o dormir dos piratas...

GUDULA

Tem dó, tem dó de mim! Pois não vês que me matas?
Sê bom! Deixa-a sair... Andarei a seu lado,
Vigiando-a sem cessar com maternal cuidado,
Como um anjo trataria uma roseira enferma...

GALAOR

Não insistas... A flor que brota em penha erma
Vive e fallece em paz; mas as plantas de raça,
Que sonham em jardins reaes, cheias de graça,
Decapitadas são por dedos refulgentes...
Não insistas... Do acaso as azas inclementes
Não deixam de ruflar sobre nós, como espadas...

GUDULA

E a vontade de Deus ?

GALAOR

Das torres elevadas
Ninguem formigas vê a caminhar no pó!..

Depois d'um breve recolhimento:

Quem não teme o que está para vir ? Os doidos só...
Aquelle que não teme o que está p'ra chegar,
E' um cego sem bordão nem moço a caminhar
N'uma ponte arruinada...

Curto silencio.

Uma vez, era em maio,
Ia eu para a caça em meu cavallo baio,
Levando atraz de mim pagens e falcoeiros,
Quando, ao atravessar um bosque de loureiros,
O nervoso corcel, vendo na relva em flor
Uma folha a correr, tomou-se de pavor
E lançou-se comigo em tenebroso abysmo...
Só á fôrça de grande e generoso heroismo
E' que o meu pagem fiel, o honesto Segismundo,
Foi encontrar-me quasi morto, lá no fundo...
Ali perto, ficava o teu nobre castello...

Levaram-me p'ra lá... Jámais teu olhar bello
Se cruzara c'o meu... mas ao voltar a mim,
Vi-te ao pé do meu leito, alva flor de marfim,
E os teus dedos de luz, pensando os meus f'rimentos,
Eram tão suaves, tão macios e luarentos,
Que me alegrára Deus, se me chagasse todo!
Namorei-me de ti, tocado pelo modo
Como então me trataste... Amavas-me, dizias...
Oh que dias d'amor!... e ao cabo d'alguns dias
Um bispo abençoou, Gudula, a nossa união.
N'um extasi d'amor, par'cia-nos então
Que tinhamos nascido um para o outro apenas,
Só p'ra trocarmos beijos doces como pennas,
E que, ao ver-te no berço, a sorrir descuidosa,
Decretára o Senhor que fosses minha esposa...
Mas, meditando, foi uma folha crestada
Que as almas nos uniu...

GUDULA, interrompendo-o:

Folha por Deus mandada...

GALAOR

Pelo acaso ou por Deus, quem o sabe? Ninguem...
Só sei que tudo o que nos acontece tem

Tanta, tanta raiz, e tantos, tantos fructos,
Que nem um passo dou n'esta vida de lutos
Que não trema de horror, vendo as magoas sem par
Que esse passo ha de em breve attrair e causar!

Silencio.

GUDULA

Emquanto de Sibylla as joias são tristezas,
Felizes vão cantando e rindo outras princezas
Para as quaes a existencia é um eterno amanhecer...

GALAOR

Felizes, dizes tu, mas deixarão de o ser...
Essas princezas casarão, serão rainhas,
De filhos se encherão, e mil chagas damninhas
Suas almas roerão sem piedade!

Em crescente exaltação:

Ai de quem
Se arrisca a ter um filho!
Um pae e uma mãe
Podem cumplices ser dos crimes mais perversos...
Imagina em que dor devem andar immersos

A mãe d'um grande poeta e o pae d'um scelerado !
Mas como tudo isto é negro, emmaranhado,
Como tudo se prende !
O bardo mais querido,
O poeta mais genial nunca teria sido
Esse poeta... ou seria um poeta inda maior,
Se uma certa mulher — mysterio esmagador !
Não passasse uma vez ao pé d'um certo homem !

Mergulhando as mãos na cabelleira revolta :

Ah ! como estas questões, Gudula, me consomem !

GUDULA, carinhosa :

Socega...

GALAOR

Quem me dera um pouco de socego !
Mas dize, como posso eu socegar, se chego,
Com receio da dor que ao longe me ameaça,
A não sentir agora a dor que me espedaça ?
O que está p'ra chegar ?

Ninguem, ninguem se mova !

Dois homens, uma vez, entraram n'uma cova

Abrazados os dois p'la mesma sede d'oiro :
Um encontrou a morte, o outro achou um thesoiro...

De bravo temporal em noite ameaçadora
Um raio fulminou uma pobre pastora
Que se fôra abrigar — segredos do destino !
Sob uma faia que eu plantei quando menino,
Quando eram puras como a innocencia estas mãos !

Duas jovens irmãs encontram dois irmãos,
Cada uma escolhe o seu... canta nos seus olhares
A luxuria... mas ai ! de cada um d'esses pares
Um assassino nasceu !
Talvez nascesse um santo
Se outra tivesse sido a escolha...
A cada canto
'Stá o acaso a espreitar...
Que mysterio alarmante :
Uma columna cae e mata um caminhante !

Pausa.

O que estará p'ra acontecer ?

GUDULA

Filha adorada !

GALAOR

Vive triste, bem sei, mas não amargurada,
E é triste que eu a quero : o riso attrae a dor,
Que atraz do riso é o servo atraz do seu senhor...
Choremos sem cessar !
Ai dos que passam rindo !
Todo aquelle que ri é um tonto sacudindo
Um sacco d'oiro n'um pinhal, onde ha ladrões !

Não tornes a insistir : tuas lamentações,
Teus suspiros e o tom dorido d'essa fala,
Tudo é vão ! Sou seu pae... não devo libertal-a !
— Ingenua não terá desejos maus... e presa
Ninguem lhe roubará a angelica pureza...

GUDULA, com desacostumada vivacidade :

Louco pensar o teu ! Pois julgas que o destino
E' uma docil mulher ou um timido menino,
Que se acobarda ao ver que alguem lhe corta o passo ?
Podes mandar chapear de bronze, ferro e aço
A porta da prisão, e fazel-a guardar
Por dois sanhudos leões de coruscante olhar :
A porta se abrirá, se Deus mandar abril-a !

Não te castigue Deus ! se elle quizer, Sibylla
Hoje mesmo sairá da frigida prisão...

GALAOR, inquieto:

Mas como?

GUDULA

Morta...

GALAOR

Horror! Tens razão...Tens razão...
Tens razão...

Cae em profundo abatimento.
Silencio.

GUDULA

Galaor! Galaor! em que pensas!

GALAOR

No que está p'ra chegar!
Em que florestas densas
Anda a minh'alma! Sinto neve em meu cabello,
E atraz de mim lobos com fome!... Um pesadelo!
A's vezes, muita vez, a conversar comigo,
Penso que este tormento é o horrivel castigo
Do meu odiavel crime...

GUDULA

O que queres dizer ?

GALAOR

Pouco antes de te amar, amei uma mulher
De quem um filho tive... e em vez de o 'strangular,
Ou de o ter junto a mim e viver a afastar
Seus innocentes pés dos abysmos traiçoeiros,
Atirei-o sem dó para os despenhadeiros,
Para as vagas brutaes d'esta vida cruel !
Que será feito d'elle ?

GUDULA

Então não sabes d'elle ?

GALAOR

Não. Apenas nasceu, fui pôl-o n'uma estrada...
Era ao cair do sol... e ao romper da alvorada,
Já o não encontrei no sitio onde o escondera...
Quem o levou ? Não sei... Antes fosse uma fera...
Se eu tentasse, talvez o podesse encontrar :
Ao seu pescoço puz, antes de o abandonar,
Um annel com um rubim n'um collar enfiado...
O receio, porém, de vêl-o desgraçado,

Pallido, a soluçar, n'um infortunio immenso,
Paralysam-me quando em procural-o penso...

A VOZ DE SIBYLLA, docemente amortecida pela distancia:

Trouxeram-me cravos
Brancos e amarellos,
Com elles ornei
Meus longos cabellos.

Que alegres que vinham,
Que aroma tão brando!
Dir-se-ia que riam,
Que estavam cantando.

Porém, ao fitarem
Meus olhos leaes,
Fizeram-se tristes
E não riram mais...

Não sei que má sorte
A mim trago presa!
Não sei se os meus olhos
Despertam tristeza,

Ou se são meus olhos,
Chorosas torquezas,
Que até na alegria
Divisam tristezas...

O canto desfallece com extrema doçura. Galaor e Gudula entre-olham-se com lagrimas.

GALAOR

E's tu ? dize-me, és tu que estas canções lhe ensinas ?

GUDULA

Não, não sou... As canções magoadas, argentinas,
Nascem-lhe n'alma como flor's...

GALAOR

Quando vaes vel-a
A' torre, em que te fala ? O que pergunta ella ?

GUDULA

Quer saber tudo...

GALAOR

E tu ?

GUDULA

Receosa, titubante,
Obedeço-te, e assim... minto-lhe a cada instante,
Submersa, muita vez, n'uma dôr infinita...

GALAOR

E ella ?

GUDULA

Não me acredita...

GALAOR

O quê, não te acredita ?

GUDULA

Não me acredita, não... Por mais, por mais que eu tent
Persuadil-a de que ha no mundo unicamente
Tres pessoas — eu, tu e ella — não a illudo...

GALAOR, agitadissimo:

Continúa, por Deus ! Fala ! Conta-me tudo !

GUDULA

Diz ella que ha no mundo outra pessoa ainda,
Uma pessoa muito linda, muito linda,

Um formoso senhor, que tem as mãos de neve,
E que ha-de vir buscal-a em breve, muito breve...

GALAOR, como doido:

Partes-me o coração e abrazas-me a cabeça!
Horror! Horror! Horror! Vamos, vamos, confessa,
Foste tu, foste tu, ó mãe desnaturada,
Que envenenaste aquella alma immaculada,
Falando-lhe no amor, que é guerra, fome e peste!
Ai! o que tu fizeste! Ai o que tu fizeste!

GUDULA, com nobre firmeza:

Sempre te obedeci! Se fui eu, Galaor,
Quem lançou na su'alma a semente do amor,
Cubra-me o corpo, Deus, de chagas horrorosas!

Adoçando a voz:

Mas as roseiras não aprendem a ter rosas...

GALAOR

Tudo perdido, tudo!

GUDULA

E agora que motivo
Tens para conservar o seu corpo captivo,

Se a sua alma livre anda a voar, a voar
N'um luminoso ceo, onde procura o par ?
Galaor ! deixa-a sair, e verás um sorriso
Nos meus labios sem côr...

GALAOR

Agora é que é preciso
Tel-a bem presa e bem afastada do mundo !
O maior poço não seria assaz profundo
Para a esconder...

GUDULA

Por Deus! Por Deus! Se alguem soubesse
Como Sibylla soffre ! Apenas amanhece,
Desejosa de ver o que ainda não viu,
As planicies, o ceo azul e o mar bravio,
A um escabello sóbe, a ver se emfim alcança
A janella ; porém, desditosa creança !
Inda não chega lá, posto que Deus, fazendo
Crescer seu corpo virginal, está dizendo
Que não escuta em vão os ais e as preces d'ella...

GALAOR, com dureza :

E' preciso mandar tapar essa janella !

GUDULA, inclinando-se com amarga submissão:

E abrir ao mesmo tempo a minha sepultura!

GALAOR, agitando-se desesperadamente:

Ai! que infortunio o meu! que implacavel tortura!
Os seus olhos vão ver maravilhas e horrores,
Corpos cheios de pus, jardins cheios de flores!
Seus olhos infantis, luminosas amendoas,
As galeras vão ver no mar singrando, e vendo-as
Ficarão a sonhar com paizes distantes,
Com cidades de jaspe, ilhas d'oiro e diamantes
E oceanos musicaes, onde brincam sereias!
Os seus olhos vão ver! vão ver as coisas feias,
Que lhe dirão como é formosa, e as coisas bellas,
Rosas, nuvens, setins, crepusculos e estrellas,
Que lhe dirão como a belleza é requestada!
Seus olhos, ao passar da brisa embalsamada,
Das arvores vão ver os lascivos enleios,
Que de luxuria agitarão seus virgens seios!
Os seus olhos vão ver! vão ver... e vão abrir
As portas da su'alma, inviolada Ophir,
Onde breve entrarão, em medonha cohorte,

O desejo, a ambição, o desespero e a morte !
Não pode ser ! Não pode ser !

Toma as duas chaves de prata, ás escondidas de Gudula, e dirige-se para a porta.

GUDULA

Onde é que vaes ?

GALAOR

Quero ar ! quero ar !... As lagrymas e os ais
Enchem-me o coração... Morro...

Exit.

GUDULA

Destino atroz !
Onde irá ?

Senta-se ao pé da janella.
Longo silencio.

A VOZ DE SIBYLLA

Minha mãe !

GUDULA, sobresaltada:

Dir-se-ia a sua voz...

Pausa.

Enganei-me... Talvez do mar fosse o refrem...

Pausa.

A VOZ DE SIBYLLA

Minha mãe! Minha mãe!

GUDULA

O' meu Deus!

A VOZ DE SIBYLLA

Minha mãe!

Gudula dirige-se apressadamente para a porta, mas estaca ao ver entrar Galaor, que disfarça a sua enorme agitação.

A VOZ DE SIBYLLA

Picaram-me os olhos
Emquanto dormia,
'Stou cega mas vejo
Melhor do que via.

O meu lindo noivo
Com suas mãos bellas
Caminha p'lo ceo
A apanhar estrellas...

Agora o 'stou vendo
Em lindos jardins
Com suas mãos bellas
A apanhar jasmins...

Lá anda o meu noivo
Pelos areaes
Com suas mãos bellas
A apanhar coraes.

Eis chega o meu noivo,
Que, doido d'amores,
Me off'rece coraes,
Estrellas e flores...

De dia ou de noite
P'ra mim sempre é dia...
'Stou cega mas vejo
Melhor do que via...

GUDULA, enternecida:

Oh! que linda canção! que voz tão clara e pura!
Nunca a ouvi cantar tão bem, com tal doçura!

GALAOR, tragicamente palido, cheio de amargura:

Cantam melhor os rouxinoes, se alguem os cega...

GUDULA, apavorada com o aspecto de Galaor:

Que tens tu, Galaor! Porque tremes? Socéga...
Que mortal palidez o teu rosto jaspeia!

GALAOR

Co' este punhal piquei os seus olhos... Ceguei-a!

Gudula cae no chão desmaiada. Galaor ajoelha junto d'ella, abraçando-a e beijando-a.

A VOZ DE SIBYLLA

'Stou cega mas vejo
Melhor do que via...

SCENA II

SCENA II

Longo e tenebroso corredor abobadado. A' esquerda, a porta da prisão de Sibylla. A' direita, uma escadaria. Ao fundo, uma porta e uma janella gradeada, por onde entram os ultimos clarões do crepusculo. Passos.

A VOZ DE SIBYLLA

Oh ! que passos d'oiro
'Stou agora ouvindo,
Nem a voz dos anjos
Tem um som tão lindo...

Ouvindo-vos, caem-me
Rosas na cabeça ;
Passos do meu noivo,
Vinde mais depressa...

Meu canto vos diz
Qual é o caminho :
Vinde mais depressa,
Vinde de mansinho...

UM DESCONHECIDO, apparecendo ao cimo da escadaria e dirigindo-se para a porta da prisão, ás apalpadellas.

A voz vinha d'aqui... se não vinha dos ceos...

Parando :

Negra e forte, capaz de resistir a um deus,
Da sala, onde me espera, é talvez esta a porta...
Nem o voar d'um insecto este silencio corta...
Ninguem... tudo repousa...

Batendo, docemente á porta :

Abre, sou eu, amor...

A VOZ DE SIBYLLA

Até que emfim chegaste, ó meu lindo senhor !
Sentindo-te, eu me sinto envolta em doce manto
De nardos... Meu senhor !... Porque tardaste tanto ?

O DESCONHECIDO

Ha quantos annos já que embalde te buscava !

Uma noite, quando eu minha vida passava,
Pobre orphão sem irmãs, a maldizer a sorte,
A chorar sem descanço e a appetecer a morte,
Uma noite, sonhando, ouvi a tua voz,
Que no meu coração todo chagado poz,
Com dedos de velludo, um diadema d'aromas,
E que, entre a exhalação de balsamicas gommas,
Me levou, n'um batel ornado de jasmins,
Por archipelagos de lucidos jardins,
Por doirados canaes, aonde as borboletas
Par'ciam malmequer's, rosas e violetas,
Que um lindo anjo, d'olhos cheios de promessas,
'Stivesse a desfolhar sobre as nossas cabeças...
Receiando que essa voz de angelica meiguice,
Que essa aprilina voz com o somno me fugisse,
De angustia estremeci ao despertar...
Mas não,
Não me fugiu!
Desperto, a suave canção
Continuava a embalar minh'alma renascente,
E nunca mais deixou, fada linda e ridente,
De me doirar, pratear e perfumar os dias...
Ah! que promessas que, de longe, me fazias!
A palpitar d'amor, em correria louca,

Guiado pela voz, puz-me a buscar a bocca :
A' neve, á chuva, ao sol, visitei mil paizes,
Como os prophetas sustentei-me de raizes,
Muita vez, no alto mar, da morte me vi perto,
Atacaram-me os leões e a sede no deserto,
Até que hoje, ha um instante, ao passar na profunda
Matta que este palacio aterrador circúmda,
Ouvindo a tua voz, vi que chegára emfim,
Ó Cravo d'oiro, ó Rosa d'oiro, ao teu jardim !
Abre, abre, por Deus !

A VOZ DE SIBYLLA

Pobre de mim, coitada !
Desde menina vivo aqui encarcerada,
Longe da luz e do ar... Duas chaves de prata,
Presas ao cinturão que meu pae só desata
Para as confiar a minha mãe, de espaço a espaço,
Duas chaves crueis unem com linguas d'aço
Esta porta de ferro a hombreiras de granito...

O DESCONHECIDO, esbracejando, cheio de indignação :

Mas que fera é teu pae, lobo ou chacal maldito,
Elle que assim prendeu a sua propria filha ?

Nasçam viboras mil nas veredas que trilha,
Seja veneno o ar, que lhe entra nos pulmões !

A VOZ DE SIBYLLA, supplicante:

Por piedade, senhor ! basta de maldições !
O rei meu pae é meu amigo e o seu amor
E' que aqui me prendeu... Prendeu-me p'lo terror
Do que está p'ra chegar... dos pégos alliciantes
Que se abrem sem cessar aos pés dos caminhantes...
Esta noite, ao saber que a minha fronte bella
'Stava quasi a chegar á unica janella
D'esta torre, ao saber que emfim os olhos meus
Iam breve fitar as arvores, os ceos,
As estrellas, o sol, os laranjais risonhos,
As florestas e o mar, tudo o que eu só em sonhos
Tinha visto até hoje, elle o meu pobre pae
Que se afogára em fel p'ra me poupar um ai,
— Crendo que a vista é um mal que requeima e entontece
As almas infantis, onde a innocencia cresce,
Elle, cuja voz treme ao pronunciar meu nome,
Veiu aqui, quando eu 'stava a dormir... e cegou-me !

O DESCONHECIDO, dorido e ameaçador:

Panthera doida ! Leão damnado ! Leão sem alma !

Nem mesmo a doce voz da tua filha acalma
O odio que por ti meu peito ancioso nutre !
Não ! não me fugirás, panthera doida, abutre !
Hei-de rasgar-te, leão ! com os dentes e co'as unhas,
Hei-de espancar-te, rei! co'o aureo sceptro que empunhas,
Cravar-te mais punhaes do que tens de castellos,
Hei-de cortar-te as mãos, incendiar teus cabellos,
Hei-de em teu peito abrir vinte fontes de sangue,
Hei-de calcar-te aos pés, e emfim, vendo-te exangue,
Antes de te entregar ás carniceiras aves,
Arrancar-te-ei sem dó o coração e as chaves !

A VOZ DE SIBYLLA, com chorosa vivacidade :

Oh ! não... não digas mais ! Não, eu não posso odiar
Quem, por muito me qu'rer, muito me faz penar !
Não o mates, por Deus !... E' um velhinho inerme
E tem-me tanto amor ! Sempre que aqui vem ver-me
Humedece-me as mãos co'as lagrymas que chóra...

O DESCONHECIDO, sempre colerico e ameaçador :

A tua voz me diz que és linda como a aurora :
Que elle seja infeliz como tu és formosa !

A VOZ DE SIBYLLA

Amor, não digas tal... Fazes-me desditosa
Odiando assim meu pae, que me ama com ternura!
Ouve: vae ter com elle, aborda-o com doçura,
Diz'-lhe que intenso amor as nossas almas liga,
Pede-lhe humildemente, em voz bondosa e amiga
Que nos deixe partir, que nos deixe ir sósinhos,
Alegremente, como um par de cordeirinhos
N'uma campina em flor... e elle, que é bom, clemente,
Sem poder resistir ao teu rogo eloquente,
Ha-de acolher-te emfim n'um abraço paternal!
Vae, meu lindo senhor... mas não lhe faças mal...

O Desconhecido dirige-se para a porta do fundo. Relampagos, trovões.

SCENA III

SCENA III

O salão da primeira scena, escassamente allumiado por um brandão. Noite de temporal. Relampagos, trovões.

Galaor dorme n'uma cadeira, ao pé da janella aberta de par em par. Gudula dorme tambem, estendida no chão. Aos pés de Galaor brilham as duas chaves da prisão de Sibylla.

O DESCONHECIDO, entrando, pé ante pé, e parando ao ver Galaor:

Eil-o! Está a dormir... Assim não mancharei
As minhas puras mãos no sangue d'este rei;
Rei doido que cegou, sem morrer de amargura,
A sua propria filha!...
O que é que além fulgura?
São as chaves, talvez... Não me engano, são ellas!

Toma as chaves.

GALAOR, sonhando alto:

Tranquem as portas! Fechem todas as janellas!
Lá vem ella! lá vem!... Vi-lhe a sombra no lago!

O DESCONHECIDO, fitando Galaor:

Sonha... O que sonhará?...
Que soffrimento vago
Tem pintado no rosto!

GALAOR, continuando a sonhar alto:

Ella lá vem!... e espia
Tudo o que eu faço aqui!

O DESCONHECIDO

Como Christo, dir-se-ia
Que está soffrendo as dor's da humanidade inteira!
Toda enrugada, a pel' modela-lhe a caveira,
Tem no peito, a uivar, dois tigres combatentes,
Enlaçam-n-o sem dó invisiveis serpentes,
E até chora, meu Deus, até chora a dormir!

GALAOR, estremecendo e sempre a sonhar alto:

Lá vem! Olhou p'ra mim e desatou a rir!

O DESCONHECIDO

Pobre rei! Pobre rei! Muito deves soffrer!

Inclinando-se a contemplar a rainha:

Eis a rainha... Doce e pallida mulher,
As raizes sem 'sforço hão-de entrar no teu peito
P'las fendas que os punhaes da dôr lá teem feito!

Exit.

A tempestade torna-se cada vez mais violenta. Os trovões succedem-se sem intervallo.

GALAOR, erguendo-se em estado de somnambulismo, caminhando ás cegas e brandindo a espada:

Ella lá vem! Ella lá vem! Ella lá vem!

Esbarra contra a parede e desperta. Olhando em volta de si:

Onde estou eu? Ah! sim... Foi um sonho... 'inda bem!
Sim... foi um sonho... foi... Mas que sonho e que vida!
Ah! eu não posso mais! Minh'alma dolorida
E' uma chaga a sangrar sob um guante de ferro!

Aproximando-se da janella :

E' assim que deveis clamar no meu enterro,
O' soturnos trovões !

Levando as mãos ao pescoço :

Não ! eu não posso mais !
Aperta-me a garganta uma cadeia d'ais,
Caem cidades, andam leões n'esta cabeça,
E os espectros, que vejo além, na matta espessa,
Ameaçam-me de lá com coriscos no olhar !
Não posso mais ! Não posso mais !
Vou incendiar
O palacio !
Será uma aurora de brazas,
E as chammas dar-me-ão um rutilo par d'azas
Com as quaes fugirei d'este poço de dores !
A noite se encherá de doirados fulgores,
Como ao sol brilhará o mar, e a cotovia
Ha-de cantar, cantar, crendo que rompe o dia !
De antever a fogueira, o meu peito jubila !
Vou ser livre ! De mim, de Gudula e Sibylla,
D'este palacio immenso e d'aquella floresta,
Amanhã, ao morrer da lua branca e mesta,
Ao despontar do sol, só cinzas restarão,

E quem aqui passar, não distinguirá, não,
Das cinzas d'um monarcha as cinzas d'um pinheiro !

GUDULA, accordando :

Desperto emfim !

Para Galaor :

Sonhei que estavas prisioneiro
N'um carcere sem luz...

Amargamente :

Triste existencia a minha !
Até o somno me flagella e me espesinha !

GALAOR, sentando-se e attraindo Gudula :

Beija-me, doce amor ! Que tonto eu tenho sido !
Tendo de mim tão perto o balsamo querido
Dos teus labios, irmãos das rosas de setembro,
Pobres labios fieis ! nunca d'elles me lembro...
O culpado é o cruel, constante pesadelo
Que as faces me enrugou, e branqueou meu cabello !

GUDULA

A' noite, Galaor, apenas adormeces,

Depois de dirigir a Deus as minhas preces,
Vou beijar-te na fronte...

GALAOR

Ah! comprehendo agora...
Sonhando, muita vez, a turba aterradora,
Que acutilava hostil, sem dó, o peito meu,
Fugia de repente, azulava-se o ceo,
E duas mãos de luar, lucidas, transparentes,
Coroavam-me de flor's, viçosas, rescendentes,
Mais doces do que o mel, brilhantes como lavas...

Com enternecimento:

Eras tu, meu suave amor, que me beijavas...
Beija-me...

GUDULA, aterrada, fugindo de Galaor:

O que tens tu? Teus olhos, Galaor,
Não os posso fitar sem 'stremecer de horror!
O que é que aconteceu depois que adormeci?

Evitando Galaor:

Oh! deixa-me! Senhor! Tenho medo de ti!
Tenho medo de ti!

GALAOR, com ternura:

Então! vem-me beijar...

GUDULA, louca de terror:

O que fizeste tu? Mataste-a!

GALAOR

Vou deitar

Fogo ao palacio! Estamos sós! Mandei embora

Todos os serviçaes, que vão a esta hora

Sabe Deus onde...

GUDULA, trémula, com os olhos a saltarem-lhe das palpebras, recuando, cingindo-se a uma parede e torcendo as mãos n'uma crispação dolorosa:

Horror!

GALAOR

Que solidas cadeias

Te prendem á existencia!

GUDULA, soluçando:

Oh! que horror!

GALAOR

Se receias

A agonia, socega: assopradas p'lo vento

(e)

As chammas lavrarão de prompto, e n'um momento
Morreremos sem dôr...

GUDULA

Que enorme desventura!

GALAOR

Não posso mais soffrer esta horrivel tortura,
Na morte apenas vejo um asylo onde me acoite!

GUDULA

Por piedade!

GALAOR

Ao cavo soar da meia-noite,
Irei buscar Sibylla, e abraçados, os tres,
Morreremos aqui...

GUDULA

O' meu Deus, pois não vês
A minha angustia?

Caem pesadamente as doze badaladas da meia-noite.

GALAOR

Meia-noite !... Vou buscal-a...
As chaves onde estão ? Onde as puzeste ? Fala !
As chaves onde estão ?

GUDULA

Não sei... dei-t'as ha pouco...

GALAOR, exaltadissimo correndo para a porta :

Mas como é que isto foi?... Endoideço... Estou louco...

Exit.

GUDULA, acercando-se da janella :

Nem um astro sequer no ceo lutuoso brilha !

Silencio.

GALAOR, voltando completamente desfigurado, arrepellando-se e uivando :

Foi-se embora ! Fugiu !

Gudula e Galaor saem a correr e a gritar.

A VOZ DE GUDULA

Sibylla !

A VOZ DE GALAOR

Minha filha !

SCENA IV

SCENA IV

A floresta do palacio de Galaor. A tempestade começa a amainar.

Pela direita, entram Sibylla e o Desconhecido, que vão fugindo. Amparada pelo Desconhecido, Sibylla caminha com extrema difficuldade.

O DESCONHECIDO

Mais depressa, meu bem...

SIBYLLA

Os meus pés, coitadinhos,
Não sabem caminhar...

Parando, e tomando voluptuosamente grandes haustos d'ar:

Que doçura d'arminhos
Tem o ar esta noite... e como é bom sorvel-o!
Sinto flor's, que perfume!

Passando amorosamente os dedos pelo rosto do Desconhecido:

E como tu és bello!

Beija-me!

O DESCONHECIDO, beijando-a com ternura:

Meu amor!

SIBYLLA

São rosas, as caricias

Da tua bocca...

O DESCONHECIDO, a desmaiar de paixão:

Amor!

Põem-se a caminho.

SIBYLLA

Que suaves delicias

Eu sinto ao respirar o ar livre... que doçura!

O DESCONHECIDO

Não ha tempo a perder! Já á tua procura

Ande talvez teu pae... Mais depressa, meu bem...

SIBYLLA

Doem-me os pés...

A VOZ DE GUDULA, ao longe:

Sibylla!

SIBYLLA

A voz de minha mãe!

O DESCONHECIDO, impellindo brandamente Sibylla:

Bem te dizia eu... Andam-te procurando...
Mais depressa...

A VOZ DE GUDULA

Sibylla!

O DESCONHECIDO

A voz vem-se acercando...
Caminhemos depressa, a ver se emfim chegamos
Ao sitio onde deixei o meu cavallo...

Um galho de espinheiro em flor prende-se aos cabellos de Sibylla.

SIBYLLA

Os ramos

Prenderam-me o cabello...

Sentindo as mãos do Desconhecido que lhe solta as tranças:

Oh! que doce clarão

De luar!

O DESCONHECIDO

Não ha luar...

SIBYLLA

Não ha luar? Então

Eram teus dedos...

GUDULA, entrando a correr:

Minha filha, por piedade!

Não deixes tua mãe! Vamos, tem caridade

Da chorosa mulher que em seu seio te trouxe!

Para o desconhecido:

Senhor! lindo senhor, tu cujo olhar tão doce

Mostra bem que possues uma alma doce e pura,

Oh! não m'a leves, não!... Pois não vês que amargura

E' uma só filha ter e vel-a assim fugir?

Oh não m'a leves, não!

SIBYLLA, beijando as mãos de Gudula:

Deixa-me ir... Deixa-me ir...

Nunca te esquecerei...

O desconhecido pega em Sibylla ao collo e foge com ella. Gudula corre atraz dos fugitivos.

Longo silencio.

A VOZ DE GUDULA, ao longe:

Sibylla!

A VOZ DE SIBYLLA, muito ao longe:

Adeus! Adeus!

Silencio.

GUDULA, voltando, a chorar copiosamente:

Que mais pode soffrer um coração, meu Deus?

GALAOR, entrando a correr, tropego e desgrenhado:

E então?

GUDULA

Fugiu!

GALAOR

Fugiu?

GUDULA

Ainda aqui a encontrei,
Mas debalde gemi, debalde suppliquei,
Tudo, tudo foi vão!
Levou-a um moço lindo,
Tão lindo como ella!
Eu, ao vel-os fugindo,
Atraz d'elles corri, soltando ais e gemidos,
Fortemente, a chorar, prendi-lhes os vestidos,
Porém, vendo-se preso, o moço que a levava
E que amorosamente os labios lhe beijava,
Com tão duro sacão se desprendeu de mim
Que me deixou nas mãos este annel com um rubim!

Entrega o annel a Galaor.

Foram-se! e a escuridão não deixa ver seu trilho...
O que ha de ser de nós, meu Deus?

GALAOR, examinando o annel, cambaleando e caindo morto:

Era o meu filho..

ACTA EST FABULA.

Coimbra
3 de setembro de 1896.